

Língua e Literatura, v. 16, n. 19, p. 39-50, 1991.

## DE TIBULLI PUELLIS

Homero Osvaldo Machado Nogueira

**RESUMO:** O poeta Tibulo viveu na época de Augusto, que foi marcada pelo apogeu da poesia elegíaca. Em seus versos, dedicou-se a celebrar as duas mulheres que amou, embora ambas lhe fossem infelizes. Mesmo sendo escassos os dados biográficos sobre o autor, é possível "acompanhar" a sua trajetória existencial através das obras que escreveu, pois nelas revela as suas aspirações e as suas frustrações, tendo como pano de fundo a sociedade romana do séc. I a.C.

A época de Augusto é marcada por uma completa transformação das condições do desenvolvimento da literatura. A prosa, no entanto, máxime a eloquência, que chegara à perfeição com Cícero, conhece agora o seu declínio. Isso é compreensível, pois não existindo mais aquela liberdade de expressão dos tempos republicanos, tinha a oratória recebido um golpe mortal.

A poesia, ao contrário, atinge o seu apogeu. A alta sociedade afasta-se da vida política, entregando-se ao estudo, às letras, nas suas luxuosas residências, pois o fórum é agora coisa proibida. Formam-se, então, círculos literários, fundam-se bibliotecas, surge o comércio dos livros, inaugura-se uma nova instituição, a das leituras públicas<sup>1</sup>. Ainda mais, o ensino, nas escolas, baseia-se exclusivamente na leitura e explicação dos poetas, enquanto disciplinas como a história, a geografia, a filosofia, não figuram no sistema de educação. Todas estas circunstâncias podem explicar o sucesso da poesia na época augustana, cujos maiores representantes são Vergílio, Horácio e os poetas elegíacos Ovídio, Tibulo e Propércio.

---

(1) Destacaram-se, na época de Augusto, três círculos literários: o de Mecenas, o de Messala Corvino e o de Asínio Polião. Na época imperial, multiplicaram-se as bibliotecas públicas e privadas, chegando a 28, no século IV. Júlio César desejou criar uma biblioteca, até já havia nomeado Varrão como diretor. Coube, no entanto, a Asínio Polião a concretização do projeto sonhado pelo ditador, ao fundar uma biblioteca no *Atrium Libertatis*. Com o aumento do número de bibliotecas públicas e particulares, surgem muitos livreiros e editores (*bibliopolae, librarii*). Tinham eles equipes de escravos especializados, que reproduziam cópias das obras literárias, obtendo assim bom lucro. A alta sociedade, na época augustana, freqüentava os *auditoria*, salões de leituras públicas para ouvir as *recitationes*, as leituras em voz alta.

A poesia elegíaca, introduzida em Roma por Cornélio Galo<sup>2</sup>, recebeu características latinas graças a Tibulo e a Propércio, que abandonaram as narrações mitológicas, entregando-se às descrições dos sentimentos pessoais.

Poucas são as informações que temos sobre a vida de Tibulo. Pairam dúvidas quanto ao ano e lugar de seu nascimento, quanto à sua família<sup>3</sup>. Podemos estabelecer, pelo epigrama de Domício Marso, o ano de 18 ou 19 a.C. como o de sua morte<sup>4</sup>.

Tibulo não freqüentou o círculo de Mecenas, mas o de Messala Corvino, a quem seguiu na guerra, no Oriente, permanecendo, porém, em Corcira (ano de 29 a.C.), por problemas de saúde<sup>5</sup>. Embora, como todos os jovens romanos, tenha-se exercitado nas armas, não tinha inclinação para a vida militar, tendo-se dedicado tão-somente à milícia do amor. Duas mulheres aparecem em seus versos: Délia, a quem são dedicadas cinco elegias do Liber Primus, e Nêmesis, a quem o poeta consagrou três do Liber Secundus. Vejamos como as duas paixões do poeta se revelam nas elegias, bem como os sentimentos que elas despertam em Tibulo.

A acreditarmos nas palavras de Apuleio<sup>6</sup>, Délia, o primeiro amor de Tibulo, celebrada em cinco elegias do Liber Primus<sup>7</sup>, é o pseudônimo de Plânia, segundo o costume poético de velar o nome verdadeiro da amada<sup>8</sup>. O testemunho de Apuleio, no entanto, não nos autoriza a considerá-lo como verdadeiro<sup>9</sup>. Na verdade, tudo o que sabemos a propósito de Délia nos chegou através do próprio Tibulo.

---

(2) Cornélio Galo imitou, ao que parece, os elegíacos alexandrinos, especialmente Euforíão. Sua obra não chegou até nós. Cf. Akla Costa, *op. cit.* p. 88.

(3) Há divergências entre os biógrafos quanto à data de nascimento do poeta. Tibulo teria nascido em 48, 49, 54 ou 60 a.C.? Álbio Tibulo nasceu, provavelmente, no ano 48 a.C., entre Tivole e Preneste, de uma família da ordem equestre. Supõe-se que tenha ficado órfão de pai, quando ainda criança, pois o poeta, em suas elegias, não faz nenhuma referência a ele. A mãe e a irmã aparecem, no entanto, em seus versos. Cf. Elegia I, 3, 5 e 7.

(4) *Te quoque Vergilio comitem non aequa, Tibulle, Mors inuenit campos misit ad Elysios, ne foret aut elegis molles fleret amores aut caneret forti regia bella pede.* Apud Ponchon, *op. cit.*, p. 5.

(5) Cf. Elegia I, 3, 3.

(6) *Eadem igitur opera accusent C. Catullum quod Lesbiam pro Clodia nominarit, Propertium, qui Cynthia dicat, Hostiam dissimulet, et Tibullum quod ei sit Plania in animo, Delia in uersu.* Apud 10, *quod Lamarre, op. cit.*, p. 439.

(7) Elegias delianas: 1, 2, 3, 5, 6;

Elegia 1: elogio da vida do campo;

Elegia 2: a dor amorosa;

Elegia 3: desespero, resignação e esperança;

Elegia 5: perdido amor;

Elegia 6: Délia infiel.

(8) O pseudônimo da amada deveria conter um número de sílabas da mesma quantidade igual a seu nome verdadeiro. Assim, o nome real da Lésbia de Catulo era Clódia, o de Cíntia de Propércio, Hóstia. O nome Délia seria equivalente a Plânia também pelo significado. Cf. Tescari, *op. cit.*, p. 27, Lamarre, *op. cit.*, p. 439.

(9) É o único testemunho antigo a respeito da Délia de Tibulo.

Délia, segundo o poeta, tem a face e os braços delicados, é uma loira de cabelos longos:

"Não faz isto com fórmulas, mas minha menina encanta com a face, com os braços delicados e com os cabelos loiros";<sup>10</sup>

"Então, ó Délia, corre para mim como estiveres, tendo os longos cabelos em desalinho, com os pés descalços".<sup>11</sup>

Délia é uma liberta, pois não traz a fita prendendo os cabelos, nem usa a estola, como as matronas romanas:

"Ensina-lhe a ser somente fiel, embora uma fita não mantenha presos os cabelos, nem uma longa estola, os pés".<sup>12</sup>

Seria ela casada? Tibulo fala de um marido que, por força da magia, nada suspeita da mulher:

"Todavia teu esposo não acreditará neste como a mim foi prometida uma bruxa verdadeira pelo mágico rito".<sup>13</sup>

"Ele nada poderá acreditar em alguma coisa de nós, nem em si, se ele mesmo me vir no agradável leito".<sup>14</sup>

Em outro passo, o poeta apresenta-o como um patrão severo, que mantém a senhora bem guardada:

"Uma guarda feroz foi colocada para a nossa menina e a sólida porta está fechada por firme ferrolho.

Porta de um senhor severo...".<sup>15</sup>

Délia, que tem uma relação amorosa com Tibulo, diante do marido, nega-o:

"Assim também ela nega a meu respeito sempre ao marido".<sup>16</sup>

---

(10) Elegia I, 5, 43-4;

(11) Elegia I, 3, 91-2;

(12) Elegia I, 6, 67-8;

(13) Elegia I, 2, 41-2;

(14) Elegia I, 2, 55-6;

(15) Elegia I, 2, 5-7;

(16) Elegia I, 6, 8.

O poeta, traído pela amada, numa atitude estranha, põe-se a dar conselhos ao marido de Délia, chegando a ensinar-lhe a maneira de guardá-la e impedir suas saídas, oferecendo-se a segui-la ele mesmo:

"Mas tu, esposo incauto da falaz menina, preste atenção em mim, para que ela não te engane, toma cuidado para que ela não frequente os jovens com muita conversa, para que, solto o vestido, não deite mostrando o seio, nem te engane com sinais e nem tire o vinho com o dedo e nem trace caracteres na superfície circular da mesa.

Tem receio de todas as vezes que ela sair ou disser que visitará os sagrados mistérios da Boa Deusa, que não devem ser visitados por homens.

"Mas se tu acreditas em mim, segui-la-ei só aos alatares, então não temerei pelos meus olhos."<sup>17</sup>

Tíbulo faz referência também a um tal que, podendo possuir Délia, preferiu o ofício das armas:

"Ele que foi de ferro, como pudesse te possuir, tolo, preferiu as presas e seguir as armas."<sup>18</sup>

Délia possui mãe, a quem o poeta pede que guarde o pudor da filha:

"Mas tu permaneças fiel, eu te suplico, e do santo pudor guardiã assista sempre atenta a velha."<sup>19</sup>

Na Elegia 3, Tibulo doente, sozinho em Corcira, sonha chegar de surpresa à casa de Délia. Imagina a amada junto à mãe, que fia, que lhe conta histórias:

"Que esta lhe conte histórias e, colocada a lâmpada, puxe os longos fios da roca cheia, mas a seu redor a escrava presa às duras tarefas, pouco a pouco, fatigada pelo sono, deixa cair o trabalho.

Então, quisera eu chegar de súbito, e que ninguém me anuncie antes, mas que eu pareça a ti surgir como um enviado do céu."<sup>20</sup>

---

(17) Elegia 1, 6, 8.

(18) Elegia 1, 2, 65-6.

(19) Elegia 1, 3, 83-4.

(20) Elegia 1, 3, 85-90.

O poeta pede à mãe de Délia, à velha de ouro, como ele a chama, que zelee pelo pudor da filha. Tibulo manifesta-se, então, seu reconhecimento com estes versos:

"Não te perdão por causa de ti, mas tua mãe me move e a velha de ouro vence a cólera.

Ela te conduz a mim nas trevas e com muito medo, taciturna, secretamente une nossas mãos; ela me atende à noite, imóvel, na porta, e de longe reconhece o ruído dos passos, quando chego.

Vive por muito para mim, doce velha, eu quereria, se for agora permitido juntar meus próprios anos aos teus.

Eu te amarei sempre e a tua filha por causa de ti. Qualquer coisa que ela faça, ela é, todavia, teu sangue. Ensina-lhe ser somente fiel."<sup>21</sup>

Délia tem sentimentos religiosos. Ela, por ocasião da viagem de Tibulo ao Oriente, na comitiva de Messala, consulta todos os deuses, tira as sortes:

"Dizem que ela consultou todos os deuses, ela tirou três vezes do menino as sortes sagradas."<sup>22</sup>

Ísis é, na verdade, sua devoção particular, freqüentando seus ritos:

"De que me serve agora, Délia, tua Ísis, de que me servem aqueles sistros tantas vezes agitados pela tua mão, ou de que adianta, enquanto cultuas piedosamente as coisas sagradas, te purificares, eu me lembro, e dormires só no leito casto?

Agora, deusa, agora me socorre (pois os inúmeros quadros pintados de teus templos mostram que podes curar) , a fim de que, minha Délia, cumprindo cantos votivos, fique sentada diante da porta sagrada com uma túnica de linho e duas vezes por dia, de cabelos soltos, deva cantar louvores a ti, bela entre os sacerdotes de Ísis."<sup>23</sup>

Délia desperta no poeta o sonho de uma vida tranqüila no campo, jungindo os bois, apascentando o rebanho, dormindo mesmo sobre a terra nua:

---

(21) Elegia I, 6, 57-68.

(22) Elegia I, 3, 10-11.

(23) Elegia I, 3, 23-32.

"Possa eu mesmo, contanto que esteja contigo, minha Délia, jungir os bois e apascentar o rebanho no monte familiar, contanto que me seja permitido te reter nos ternos braços, teria doce sono na terra inculta."<sup>24</sup>

Délia, então, guardará os frutos, a tina plena de mosto, contará as cabeças do rebanho, brincará com escravo nascido em sua casa, fará oferendas aos deuses do campo, será a senhora de tudo e de todos:

"Cultivarei os campos e minha Délia estará presente como guardiã dos cereais, enquanto, sobre a cira malharem-se, sob um sol causticante, os grãos, ou ela guardará para mim as uvas em vasilhas cheias e o branco mosto espremido pelo ágil pé.

Ela se acostumará a contar o rebanho, acostumará o loquaz escravo a se divertir no colo da afetuosa senhora.

Que ela saiba oferecer ao deus campestre a uva pelas videiras, as espigas pela messe, um sacrifício pelo rebanho.

Que ela presida a tudo, que ela cuide de tudo."<sup>25</sup>

Ainda mais, Délia será hospitaleira:

"Para cá virá meu Messala, para quem Délia colherá doces frutos de seletas árvores; e cheia de respeito por tão ilustre homem, zelosa terá cuidados, dará atenção a ele e ela mesma, empregada, preparará a refeição."<sup>26</sup>

Délia, no entanto, não é só devota, amiga, hospitaleira, apresenta-se também cruel, obrigando seu amante a permanecer diante da inflexível porta:

"As cadeias de uma formosa menina me mantêm prisioneiro e estou sentado como porteiro diante da insensível porta."<sup>27</sup>

O poeta chega a fazer alusão a um tal que traiu seus amores:

"Que lá resida quem traiu meus amores e desejou para mim prolongados trabalhos de guerra."<sup>28</sup>

---

(24) Elegia I, 3, 23-32.

(25) Elegia I, 3, 23-32.

(26) Elegia I, 3, 23-32.

(27) Elegia I, 3, 23-32.

(28) Elegia I, 3, 23-32.

Tíbulo afirma ainda:

"Já Délia, furtivamente, astuta, na noite silenciosa, aquece quem não conhece."<sup>29</sup>

Délia, porém, nega:

"Ela, que jurou, nega, na verdade, mas é difícil acreditar."<sup>30</sup>

É na "Elegia 5" que o poeta fala de uma separação. Tibulo recorda-se do que fez durante a doença de Délia, os cuidados que teve.

Agora, ela ama outro, um rico, apresentado por uma maldita alcoviteira. Agora, a porta de Délia abre-se somente a quem bater com a mão cheia:

"Eu era intratável e dizia que suportava bem a separação: mas agora a glória de valoroso está bem longe para mim.

Porque sou movido como o pião posto em movimento pela ficra sobre o solo plano, que um menino rápido faz girar com a habitual arte.

"Queima e tortura o homem feroz, para que não possa dizer algo grandioso depois disto: doma as rudes palavras."<sup>31</sup>

Ardente foi a paixão de Tibulo por Délia, mulher que lhe proporcionou momentos de alegria e de dor, de sonhos e desenganos. O poeta, por várias vezes, desejou libertar-se desse amor, até que uma outra senhora, de nome Nêmesis, veio substituir a primeira.

Tibulo conheceu Nêmesis em Roma, e ela despertou nele violenta paixão, como nos revelam as elegias 3, 4 e 6 do *Liber Secundus*<sup>32</sup>. Mas quem era Nêmesis?

Escassas são as notícias que temos a respeito dessa cortesã bela, arrogante e cobiçosa.<sup>33</sup> O nome Nêmesis, de origem grega, significa vingança. Entendem alguns críticos que o poeta Tibulo teria no nome da segunda amada a personifica-

---

(29) Elegia I, 3, 23-32.

(30) Elegia I, 3, 23-32.

(31) Elegia I, 3, 23-32.

(32) O motivo da Elegia 3 é o amor do poeta por Nêmesis. Como ela vive no campo, em companhia de um amante rico, Tibulo chega a humilhar-se, desejando, como escravo, arar os campos, só para vê-la. A Elegia 4 apresenta o poeta reduzido a um *servitium amoris*. A parte central da elegia é um longo ataque à cobiça das senhoras, consoante esquema da poesia alexandrina. A Elegia 6 é a última dedicada a Nêmesis. Aqui a amor oprime o poeta, inquieta-o, mas não deixa de apresentar alguns acentos de esperança.

(33) Cf. Ponchont, *op. cit.*, p. 93

ção da vingança por causa da infidelidade de sua Délia.<sup>34</sup> Se isso for verdade, frustraram-se as intenções do poeta, pois Nêmesis também o traiu, também o abandonou.

Nêmesis era mulher bonita, possuía olhos atraentes: "ela não merece desfigurar com lágrimas seus olhos que falam."<sup>35</sup> É o único traço descritivo que nos apresenta Tibulo de sua amada.

Na "Elegia II, 6, 47 – 50", Nêmesis não quer receber o poeta por medo de algumas ameaças:

"Muitas vezes, quando da cruel soleira  
a doce voz de minha senhora reconheço, ela diz que não está em casa;  
muitas vezes, quando uma noite me foi prometida,  
ela anuncia que a menina está doente ou algumas ameaças a deixaram  
com medo."

Nêmesis estaria com medo das ameaças de quem? Tescari apresenta a hipótese da presença de um marido.<sup>36</sup> Seria ela, como Délia, uma mulher presa pelos laços do casamento? Não acreditamos. Nêmesis era prostituta e poderia muito bem, por sua beleza principalmente, suscitar ciúmes de um ou de outros amantes.

Nêmesis revela-se cobiçosa, aos versos do poeta prefere dinheiro:  
"não me agradam as elegias nem Apolo, inspirador de meus versos: ela reclama sem cessar dinheiro com a mão em cova."<sup>37</sup>

Mulher afeita ao luxo, à vida de comodidade, Nêmesis vai ao campo em companhia de uma amante rico:

"Os campos, as casas de campo, seguram minha menina, Cornuto."<sup>38</sup>

O poeta, então, para estar a seu lado, não se incomodaria em fazer-se camponês, mesmo que tivesse que enfrentar uma árdua labuta:

"Ah! quando visse minha senhora,

com ardor lá eu lavraria o fértil solo com a resistente enxada e à maneira do camponês seguiria o curvo arado, enquanto os estéreis bois removem as terras destinadas às sementes!

---

(34) Nêmesis, a amada de Tibulo seria a vingadora dos crimes de Délia. Cf. A. della Cosa, *op. cit.*, p. 32.

(35) Elegia II, 6, 42.

(36) "Da 2, 6, 50, dove si dice che Nemesi non accoglie il poeta per paura di non so quali minacce, si potrebbe sospettare che anch' essa fosse sposata". O Tescari, *op. cit.*, p. 32.

(37) Elegia II, 4, 13-14.

(38) Elegia II, 3, 1.



Não me queixarei porque o sol queimou meu sensível corpo, porque uma bolha estourada feriu-me as delicadas mãos."<sup>39</sup>

O poeta ainda faria mais para satisfazer o capricho da amada. Contrário à violência da guerra, está disposto a arranjar-lhe dinheiro por meio dos despojos:

"venham já os despojos, se Vênus deseje a opulência, a fim de que minha Nêmesis nade no luxo."<sup>40</sup>

Assim, Tibulo mostra-se também pronto a espoliar o templo de Vênus:

"Mas devo profanar Vênus antes de qualquer outra divindade: ela me aconselha o crime e me destina uma senhora rapace."<sup>41</sup>

Só assim, isto é, com muito dinheiro, Nêmesis poderá abrir-lhe a porta:

"Mas se levares uma grande soma de dinheiro, o guarda será vencido, nem as chaves proibirão e o próprio cão ficará calado."<sup>42</sup> Por isso, ele também se dispõe a vender a casa de seus avós, se ela assim o quiser:

"Além disso, se ela ordenar vender a casa de meus avós, obedececi, ó Lares, e colocai-a à venda."<sup>43</sup>

A paixão do poeta por Nêmesis não teve limites, a ponto dele assim se expressar:

"Todo o veneno que tem Circe, todo o veneno que possui Medéia, todas as ervas que a terra da Tessália produz, e o humor que destila da virilha de uma égua no cio, quando Vênus inspira os amores aos rebanhos indômitos, se minha Nêmesis não me olhar com plácido semblante, misture ela outras mil ervas, que eu beberei."<sup>44</sup>

O poeta, no entanto, não conseguiu dobrar o coração de Nêmesis, mesmo quando lhe recorda a trágica morte da irmã:

"Tem piedade, pela morte precoce de tua irmã, eu te peço:

---

(39) Elegia II, 3, 5-10.

(40) Elegia II, 3, 50-1.

(41) Elegia II, 4, 24-5.

(42) Elegia II, 4, 33-4.

(43) Elegia II, 4, 53-4.

(44) Elegia II, 4, 55-60.

assim tranquila descansa a pequena sob uma terra leve.

Ela é sagrada para mim, a seu sepulcro

levarei oferendas e grinaldas banhadas por minhas lágrimas, junto a seu túmulo me refugiarei e, súplice, ficarei sentado e lamentarei minha sorte com cinza muda.

Ela não deixará seu protegido chorar continuamente por tua causa; em seu nome, eu te proíbo de me seres indiferente, para que seus manes não te enviem sonhos funestos e aflita a irmã não esteja diante do leito durante teu sono, como caindo de cabeça para baixo de uma altíssima janela, ensanguentada veio aos lagos infernais."<sup>45</sup>

Como nos atestam as elegias dedicadas a Nêmesis, Tibulo amou-a com fremente paixão, chegando a dizer que accitaria a servidão.

Vê-se então escravo, mas geme sob o jugo cruel das cadeias. Mesmo assim continua firme na sua obstinação de tê-la a seu lado.

Nêmesis era bonita e procurava tirar proveito disso. Rodeada de alcoviteiras<sup>46</sup>, escolhia o amante que tinha mais dinheiro. Cantada pelo poeta, não quis renunciar sua vida de prazer no luxo, o que levou Tibulo a manifestar sua angústia, sua desolação, em versos pungentes.

Délia e Nêmesis são personagens com caracteres semelhantes. Ambas são belas, elegantes. As duas são ávidas de dinheiro, de vestes caras e pedras preciosas, a ponto de exigirem que o poeta sacrifique por elas o que ele tinha de mais sagrado, a sua paupertas.<sup>47</sup>

Délia e Nêmesis despertam em Tibulo um amor que se torna um sentimento obsessivo, a única razão de sua vida. O seu amor passa a ser uma doença, porém um *malum dulce*, incurável. Ainda mais, o amor é visto pelo poeta como uma servidão:

"Assim vejo para mim uma servidão e uma senhora preparada:  
adeus, para mim agora, aquela liberdade de meus pais"<sup>48</sup>

---

(45) Elegia II, 6, 29-39. Nêmesis vivia com uma irmã que morreu nova, caindo de uma janela altíssima. Adriana della Casa, *op. cit.*, p. 64-5, afirma, explicando a expressão *de uma janela altíssima (ab excelsa fenestra)*: da questo elemento si può dedurre che Nemesi era di condizione modesto: le cose a piu piani, con le fenestre che davano sulla strada, non erano certo dimare signorili, ma grossi alveari. Anche Nemesi quindi, come le altre donne dei poeti augustei, abitava non "in um basso villino come i signori romani... ma in un grosso coseggiato"

(46) Cf. Elegia II, 6, 44-54.

(47) Não se trata da miséria, mais de vida modesta. A condenação das riquezas pelos poetas elegíacos não significava aspiração ascética, mas desejo de uma vida tranqüila. Vivendo ao lado de mulheres cobiçosas, Tibulo tem necessidade de dinheiro. As referências bucólicas são lembranças do paraíso perdido.

(48) Elegia II, 4, 1-2.

Embora sofra como *servus* de uma *domina*, Tibulo prossegue na sua obstinação de ter o amor dela. Délia é uma *tenera puella*, formosa<sup>49</sup>, Nêmesis possui *oculos loquaces*. Délia mereceu o amor do poeta não pela magia, mas pela beleza natural, como notamos nestes versos:

"Então, ó Délia, corre para mim como estiveres, com os longos cabelos em desalinho, com os pés descalços."<sup>50</sup>

Não obstante a infidelidade de suas amadas, Tibulo procura-as com insistência. Seu amor, no entanto, é perturbado pela cobiça de suas formosas senhoras. Daí, a inutilidade da assertiva de Lígdamo: *carmine formosae, pretio capiuntur auarae*<sup>51</sup>. Resta então ao poeta permanecer diante da porta a maldizer a riqueza e a cobiça das mulheres, que preferem um *dives amator*:

"Porta de um difícil senhor, que a chuva te acoite, que os raios enviados por ordem de Júpiter de quebrem.

Porta, vencida por meus lamentos, abre já para mim..."<sup>52</sup>

Em suma, Tibulo, ao celebrar suas mulheres, partindo de um início feliz pela esperança de uma união perene, passa para um estado de sofrimento determinado pela não correspondência de Délia e Nêmesis. Ele não é o poeta do amor, mas do seu próprio amor<sup>53</sup>, pois sua poesia não transcende a seus sentimentos. Mas em suas elegias há uma nota pessoal e original. Seus versos saem *ex imo corde*, com um tom flébil e amargo.

## BIBLIOGRAFIA

BAYET, J. *Littérature Latine*. Paris, Labraire Armand Colin, 1953.

BIGNONI, E. *História de la Literatura Latina*. Buenos Aires, Editorial Losada, S.A., (1952).

CARTAULT, A. *La poesie Latine*. Paris, Payot, 1922.

CASA, A. della *Le Donne degli Elegiaci Latini*. Torino, Loescher Editore, (1981).

COSTA, A. "O Lirismo em Roma". In: *Temas Clássicos*. São Paulo, Editora Cultrix, (1978), p. 81-105.

---

(49) Tenera é o adjetivo erótico usado com frequência por Tibulo. O adjetivo *formosa* aparece uma só vez (I, 1, 55).

(50) Elegia I, 3, 91-2.

(51) Elegia III, 1-7: as formosas são seduzidas pela poesia, as cobiçosas pelo dinheiro.

(52) Elegia I, 2, 7-9.

(53) Cf. Guido Vitali, *op. cit.*, p. 16.

ERNOUT, A. et MEILLET, A. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*. Paris, Librairie Klincksieck, 1967.

FALCO, V. de e COIMBRA, A. de F. *Os Elegíacos Gregos*. São Paulo, 1941.

GAFFIOT, F. *Dictionnaire Illustré Latin Français*. Paris, Librairie Hachette, s/d.

IZAAC, H. J. "Tibulle est-il l'Albius d'Horace?". In: *Revue des Etudes Latines*. Paris, Les Belles Lettres, 1926, v. IV, p. 110-15.

LAMARRE, C. *Histoire de la Littérature Latine*. Paris, Librairie Jules Lamarre, 1907, t. II.

NAGEOTIE, E. *Précis d'Histoire de la Littérature Latine*. Paris, Garnier Frères, s/d.

PICHON, R. *Histoire de la Littérature Latine*. Paris, Hachette, 1982.

PINCHELLI, B. *Albio Tibulo e gli altri autori del Corpo Tibulliano*. Milano, Rizzali – Editore, 1975.

PLESSIS, F. *La Poésie Latine*. Paris, Librairie C. Klincksieck, 1909.

PONCHONT, M. *Tibulle e Les Auteurs du Corpus Tibullianum*. Paris, Les Belles Lettres, 1950.

QUICHIERAT, L. et DAVELUY, A. *Dictionnaire Latin-Français*. Paris, Hachette, 1895.

TESCARI, O. *Tibullo. Elegie*. Milano, Istituto Editoriale Italiano, (1951).

VITALI, G. *Albio Tibullo e gli autori del Corpus Tibullianum*. Bologna, Nicola Zanichelli – Editora, 1954.

**ABSTRACT:** The poet called Tibullus lived during the Augustan age, when the elegy poets reached its aim. In his verses, he celebrated two unfaithful women (Tibullus was passionately fond of them). Although we have not any biographical data about him, it is possible to study his life trajectory using as source his poems, where Tibullus reveal all his ambitions and disappointments, showing at the same time a view of the Roman society.